



PENSAR A DIFERENÇA: DISCUSSÕES SOBRE O DISCURSO FEMINISTA NA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

*Maicon José da Cruz¹
Manuel Moreira da Silva²

Eixos Temáticos: Educação e diferenças

INTRODUÇÃO

Os caminhos que mulher atravessou são tantos, que falar sobre o feminino torna-se uma obrigação. Assim, o propósito deste trabalho, delineado do capítulo seis da obra *Filosofia da tecnologia* de Val Dusek, centra-se sobre três pontos fundamentais do referido capítulo, dentre eles estão: (i) O contributo feminino para a tecnologia e invenção; (ii) Efeitos da tecnologia sobre as mulheres; (iii) Variações do feminismo e seus deslocamentos, abordagens alternativas da ciência e tecnologia.

A associação da mulher ao sexo frágil, natureza obscura repleta de passividade diante da autoridade fálica, é uma preocupação que tem desconcertado o feminismo, sobretudo, quando a mulher não tem espaço na vida política, acadêmica e por que não dizer? Tecnológica. Nesse sentido, o objetivo central de pesquisa visa explicitar a capacidade inventiva da mulher, por meio das discussões e tendências abordadas por Val Dusek no que tange à disciplina de filosofia da ciência para, posteriormente, aplicar-se ao ensino enquanto forma de intervenção pedagógica do PIBID. Antes disso, convém trazer à

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia, pela Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná – UNICENTRO/PR. Bolsista do PIBID/CAPES – UNICENTRO. E-mail: maiconcruz00@hotmail.com.

² Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – e Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná – UNICENTRO/PR. E-mail: immanuelmoreyra@gmail.com.



baila, sempre que possível, que o papel da mulher ao longo da história sempre foi secundário em relação ao homem. Talvez isso se deva, em grande parte, quando constatamos que a memória histórica não tem espaço para os vencidos, uma vez que a pesquisa, a ciência e as grandes descobertas traduzem a supremacia dos vencedores. A palavra “vencedor”, aqui empregada, não é fruto do acaso, pois, como fora deturpado pela tradição fálica, a mulher não detém do vigor dos homens, tampouco do raciocínio lógico em matéria de raciocínio abstrato. Diante desse abismo, é que surgem pesquisas, como bem exemplificou Dusek, sobre antropologia, sociologia e ciência cuja finalidade é dar um centro às mulheres. Dentre algumas contribuições e invenções, estaria presente a função de “mulher coletora”, responsável pelo fornecimento de grãos, plantas e caça de animais pequenos para sobrevivência, durante a evolução geológica que abrange a era cenozoica do período quaternário. Tal contribuição coincide com o que Ruth Hubbard dissera anos antes desta descoberta: “Só os homens evoluíram?” (Hubbard 1983). Evidentemente, que a eficiência feminina não para por aí, Dusek ainda salienta a invenção do moedor ou moinho de cereais movido à mão, durante a idade média. Além é claro, da coautoria de Emily Davenport para o motor elétrico pequeno, cujos louros ficariam a cargo do marido Thomas Davenport. Não é de se assustar que poucos saibam acerca das intervenções da mulher no campo técnico-científico, pois, parafraseando Foucault, os discursos naturalmente veiculam saber e poder, e uma ordem de saber e poder em vigência, impedirá que outros discursos tenham espaço, voz e vez ao se tornarem combalidos pelo silêncio.

OBJETIVOS

Evidenciar o embotamento da mulher na ciência, bem como os preconceitos a ela correspondentes em matéria de invenção e progresso tecnocientífico.

Suprimir a visão sectária do feminismo radical, de modo a trazer ao centro da roda homens que discordam da visão machista e opressora do discurso canônico da ciência. Dito



isso, ao partir da visão da mulher que desempenha múltiplos papéis na sociedade, acredita-se que ela é capaz de exercer livremente outras funções, inclusive, as que lhe foram e continuam sendo tiradas como: a de mulher autônoma, pesquisadora e inventora de patentes tecnológicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quanto ao material utilizado para o trabalho de ensino, este se restringe ao capítulo nove, intitulado: “Mulheres, feminismo e tecnologia”, da obra *Filosofia da tecnologia* de Val Dusek. Do mesmo modo a obra *Arqueologia do saber*, de Foucault, cujas aproximações e problematizações abordadas no capítulo seis, nomeado de “A formação de estratégias”, tornam-se pertinentes discutir e delimitar.

Convém expor que há duas áreas em que são mais evidentes os efeitos da tecnologia sobre as mulheres, a saber, a doméstica e a reprodutiva. Na primeira as invenções como a da máquina de lavar, aspirador de pó, micro-ondas e máquina de escrever traduzem a redução das mulheres na área tecnológica. Afinal, as mulheres são educadas desde a tenra idade, pressionadas a servir os homens como boas cozinheiras, mães e donas do lar. Como iria exprimir a canção popular brasileira, dos saudosos Mário Lago e Ataulfo Alves: “Amélia não tinha a menor vaidade, Amélia é que era mulher de verdade”. Nesse caso, o que é ser “mulher de verdade”? Seria a mulher que fora ao longo do tempo projetada pelos discursos masculinos? O que tudo indica, é que a canção só reforça a disparidade entre homens e mulheres durante um período de invalidade dos discursos femininos. É claro que não se tem aqui a pretensão de criticar a canção, entretanto, faz-se necessário trazer à superfície as sutilezas que o enaltecimento da subserviência feminina exprimiou desde então. Além disso, Dusek expusera que a forma de trabalho da mulher ao se desvincular do lar, não diferenciava de sua atual condição de



adestramento servil. Um exemplar disso é o que pode ser averiguado no ofício de secretariado, funções burocráticas que exigem um artefato tecnológico equivalente à postura feminina. Assim, nasce a máquina de escrever, um híbrido entre piano e máquina de costura o qual parecia devidamente adequado às mulheres. Já quanto à segunda área, há a tentativa de controle do corpo feminino, tirando-lhe aquilo que é de mais natural à mulher, ou seja, conceber a vida. Dusek, referindo-se a outro autor que bebe dos escritos de Foucault, expõe que: invenções como a do ultrassom funcionam como uma espécie de “panóptica do ventre”, responsável por vigiar, supervisionar e punir a vida da mulher. Tal punição dá-se, pelo que se sabe de antemão, sobre a crença de evitar o aborto. É claro que optar pelo aborto não é uma decisão simples e exequível, sobretudo, quando a sociedade é atravessada por crenças e comportamentos que, com efeito, culpabilizam inteiramente a mulher pelas escolhas que faz. Talvez, se a indústria de contraceptivos fosse mais voltada ao público masculino, esses dilemas seriam por vezes suprimidos da sociedade. De maneira que, mesmo o preservativo e a vasectomia são alternativas mínimas à disposição dos homens, se comparado ao foco atribuído à mulher.

É claro que muito das abordagens de autoria feminista, como as de Evelyn Fox Keller, Donna Haraway e Sandra Harding ficaram comprimidas. Em razão disso, optou-se pelas exposições debatidas por Haraway, no que tange ao pós-modernismo. Antes de avançar, pode-se afirmar que o pós-modernismo é um movimento diverso das últimas décadas do século XX que, entre outras coisas, nega a existência de sistemas estaques de conhecimento ou uma descrição metafísica de mundo. Nesse sentido, o feminismo pós-modernista nega quaisquer pretensões de extrair uma essência da mulher, dado que o gênero é uma construção social, bem como um campo repleto de ambiguidades para com a natureza e universo. Na obra *Manifesto for cyborgs*, Haraway aborda a interpenetração do humano com o tecnológico, de maneira que o *cyborg* romperia a linha entre humano, animal e máquina. As especulações da autora ganham corpo, à medida que as fronteiras entre humanismo e essencialismo erigidas pela tradição, tendem a desaparecer por completo.



Por fim, concluiu-se que abordagens alternativas como as do feminismo, estão fortemente engajadas a uma compreensão holística de mundo, de modo a edificar um estatuto abrangente que situe múltiplos vieses acerca da ciência e da técnica. Mais do que isso, a abordagem feminista se detém a desconstruir a mulher objetificada e despersonalizada, vigente ao longo da tradição sexista que consentiu plena autoridade e poder aos homens.

METODOLOGIA

É por meio de leitura e fichamento dos capítulos pinçados, que o trabalho veio à tona. Primeiro, o capítulo nove: “Mulheres, feminismo e tecnologia”, da obra *Filosofia da tecnologia* de Val Dusek. Segundo, o capítulo seis: “A formação de estratégias”, encontrado no escrito *A arqueologia do saber*, de Michel Foucault. Cumpre sublinhar, que o interesse pelo tema se dá justamente pela metodologia já adotada antes no PIBID-Filosofia, relacionada ao discurso machista e seus efeitos sobre a mulher, com o intento de aproximar públicos distintos para uma questão tão em voga no mundo hoje. Afinal, se não existisse um discurso machista e repressor, não haveria a necessidade da voz da mulher se fazer ouvir e respeitar.

ANÁLISE DE DADOS

É prematuro afirmar uma análise de dados, visto que o trabalho está em fase inicial de pesquisa, cuja apresentação ainda não fora possível com o respectivo público alvo. Nesse sentido, o trabalho se detém sobre os alunos de terceiro ano, de modo a enriquecer as etapas de ensino-aprendizagem na área de Filosofia da ciência.



RESULTADOS ALCAÇADOS

Como o trabalho está na primeira fase de desenvolvimento, concentrada na área de pesquisa, ainda é prematuro fazer um balanço acerca de resultados das discussões, sobretudo, quando os discentes se encontram pouco familiarizados com a disciplina de Filosofia da ciência. Assim, depois de haver um aprofundamento dos temas e problemas discutidos pela ciência e tecnologia, é que a segunda fase, concentrada na área de ensino, se fará apreciar.

É importante destacar que o trabalho, mesmo sendo realizado por alguém do sexo masculino, não tem a pretensão de obscurecer a mulher, pelo contrário, a estratégia aqui adotada está em colocar em pauta o discurso machista, cujo domínio está na base do discurso tecnocientífico. Desse modo, é possível as mulheres à abertura para discutir e problematizar um discurso que, de modo algum, há plena identificação: quer pela própria mulher, que se encontra no alvo da discussão; quer por alguns homens, dos quais não são coniventes com o referido molde discursivo. Eis as linhas, relações e etapas de trabalho, por ora adotadas.

Palavras-chave: Mulher. Empoderamento. *Saber-Poder*.

REFERÊNCIAS

DUSEK, V. Mulheres, feminismo e tecnologia. In *Filosofia da tecnologia*. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2009, p.181-232.

FOUCAULT, M. A formação de estratégias. In *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p.71-78. _____ . *A Ordem do Discurso*. Trad. Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.